

CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO ASSIS GURGACZ - FAG

JOSIANI CAROLINI CORDEIRO

JOYCE NEVES ZEN

**O DESENHO ENQUANTO INSTRUMENTO DE MANIFESTAÇÃO SUBJETIVA DA
CRIANÇA EM INTERFACE COM A PSICOPEDAGOGIA**

CASCATEL

2020

CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO ASSIS GURGACZ - FAG

JOSIANI CAROLINI CORDEIRO

JOYCE NEVES ZEN

**O DESENHO ENQUANTO INSTRUMENTO DE MANIFESTAÇÃO SUBJETIVA DA
CRIANÇA EM INTERFACE COM A PSICOPEDAGOGIA**

Trabalho apresentado no curso de Pedagogia como
requisito fundamental para aquisição do título de
licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário
Fundação Assis Gurgacz – FAG

Professora Orientadora: **Adriana Boeira**

CASCADEL

2020

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG
JOSIANI CAROLINI CORDEIRO
JOYCE NEVES ZEN

**O DESENHO ENQUANTO INSTRUMENTO DE MANIFESTAÇÃO SUBJETIVA DA
CRIANÇA EM INTERFACE COM A PSICOPEDAGOGIA**

Trabalho apresentado no curso de Pedagogia, da Faculdade Assis Gurgacz/ Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Pedagogia, sob a orientação do professor Adriana Boeira

BANCA EXAMINADORA

Jussara Chagas de Lima
FAG
Especialista

Silvana Rodrigues Krafta
FAG
Especialista

Adriana Boeira
Especialista

Cascavel/PR., _____ de _____ de 2020.

O DESENHO ENQUANTO INSTRUMENTO DE MANIFESTAÇÃO SUBJETIVA DA CRIANÇA EM INTERFACE COM A PSICOPEDAGOGIA

CORDEIRO, Josiani Carolini¹

ZEN, Joyce Neves²

BOEIRA, Adriana³

RESUMO:

O presente trabalho abordará acerca da importância do desenho enquanto instrumento de apoio no processo de ensino aprendizagem na educação infantil, também, sobre a colaboração do profissional da psicopedagogia em comunicação com a educação e a relevância de reconhecer os significados manifestados por meio da escrita infantil, que iniciadas nos primeiros anos de vida fazem parte de um processo de representação, no qual a criança comunica e expressa seus pensamentos e sentimentos do mundo que a rodeia. Quando é elaborado um desenho, primeiro ele passa pela esfera de representação mental e só depois a criança passa à exibição gráfica. A cada execução que a criança desempenha, o desenho passa a ser uma imposição, e é assim que elas vão se descobrindo dentro do processo de aprendizagem e desenvolvimento. Este estudo se trata de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, desenvolvido com base em materiais já elaborados, como livros, artigos, vídeos, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho; apoio; ensino-aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A representação do desenho está exposta desde sempre, um exemplo disso são as manifestações expressivas que os homens deixavam marcados nas paredes das cavernas na idade paleolítica e neolítica, com a finalidade de se comunicar. Destarte, foi a forma que o ser humano encontrou de conversar com as outras pessoas que estavam a sua volta, posto isso, um meio histórico cultural. A partir disso, observa-se que os homens desta época e as crianças possuem um ponto em comum, que se trata da despreocupação com a perfeição da sua técnica, mas sim com a sua representação expressiva.

¹Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, jcc.cordeiro@hotmail.com

²Joyce Neves Zen Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

A ilustração infantil é de extrema importância para a evolução da criança, dado que pelo desenho ela é capaz de se expressar e ampliar sua capacidade física e motora, sendo assim, é fácil notar suas distintas fases e seu aperfeiçoamento, que advém pela perspectiva do grafismo infantil, compreendendo então que o desenho é a prévia da escrita da criança.

Antes de passar para o papel seu desenho, a criança usa sua concepção para recordar qualquer coisa. Segundo Seber (1995), para que esse pensamento aconteça é importante que haja a possibilidade de tornar presente, ou seja, de substituir coisas ausentes por meio de palavras ou imagens. Logo, o raciocínio está ativo na habilidade da representação.

Quando a criança se expressa através do desenho, é perceptível que ela manifesta pleno interesse em realizá-lo, devido ao fato de que ela sente entusiasmo em poder se expressar, sem se preocupar com juízos técnicos ou estéticos que poderão surgir.

Em razão disso, o conteúdo simbólico que o desenho representa vai depender diretamente das motivações desta criança no momento em que ela desenha, o que atesta que a expressão e o conteúdo simbólico dos desenhos serão diferentes de criança para criança, o que não permitirá generalizações nas interpretações destes desenhos, visto que a criança muda esta simbolização várias vezes para expressar as mesmas emoções.

Para que se possa interpretar o desenho da criança é imprescindível empregar um bom tempo, dispensando atenção a forma em que ela realiza os movimentos, sem a necessidade de interferência ou questionamentos sobre o que ela irá desenhar. A intenção não é compreender o desenho, mas sim a criança, bem como o que ela deseja exteriorizar.

A gravura da criança deve ser louvada na rotina escolar, e não meramente como exibição de talento, é valioso perceber o avanço do estudante, tendo em vista a melhoria como ser social. Por isso, sempre lembrar que, tudo que as crianças passam para o papel pode ser a revelação de seus sentimentos ou suas fantasias. Ter um olhar diferente e atencioso para cada desenho, pode ser a chave certa para entender o que se passa na cabeça de cada uma delas (SEBER,1995).

Refletindo a respeito da temática, percebe-se que constantemente o desenho não é valorizado como deveria, por mais que ele ofereça um subsídio fundamental para a formação de cada indivíduo, igualmente para o respectivo processo de ensino-aprendizagem, em especial,

¹Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

²Joyce Neves Zen Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

no início da produção escrita. Por essa razão, o tema se torna relevante, o qual terá como principal objetivo discutir quanto a esta contribuição no contexto escolar.

¹ Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

² Joyce Neves Zen Graduanda do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³ Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONCEITO HISTÓRICO

Os primeiros estudos em relação ao desenho iniciaram no final do século XIX, sendo baseados no conceito de psicologia e estética da era. Foram os psicólogos e os artistas que idealizaram a inovação dos desenhos infantis, do mesmo modo que apresentaram as preliminares e as investigações sobre o tema.

O homem pré-histórico marcou na rocha seres humanos, animais, plantas, elementos do seu mundo, expressando de uma forma intensa as suas vivências. As culturas da antiguidade, como a Egípcia e Grega, deixaram marcas da sua história registradas sob a forma de imagens desenhadas que nos oferecem meios para a compreensão do seu pensamento, história e sabedoria. No período da idade média, o desenho transporta-nos para o ambiente da época com as suas personagens ingênuas e espaços "impossíveis" por ausência da perspectiva (ZOPELARI, 2007, p 16).

O desenho assumiu diferentes papéis em cada sociedade. No Egito, por exemplo, era uma forma de expressão manifestada em túmulos e templos construídos pelos povos da região. Na Mesopotâmia o desenho contribuiu na elaboração de mapas cartográficos, facilitando as atividades comerciais entre oriente e ocidente. Com o tempo, e a sua evolução, o desenho foi sendo representado por meio de diferentes materiais, como: barro, madeira, argila, pedra até chegar ao papel (ZATZ, 2002, p.20).

O desenho é uma linguagem muito antiga “permanente, sempre esteve presente desde que o homem inventou o homem. Atravessou fronteiras espaciais e temporais, e por ser tão simples, teimosamente acompanha a nossa aventura na terra” (DERDYK, 1990, p.10). Assim, fica claro que o homem sempre desenhou e esta foi uma importante forma de comunicação construída naquela época e ao longo dos anos.

A partir dos desenhos nas paredes, o homem já tinha a necessidade de pronunciar-se, então, obteve sucesso em anunciar as mensagens para as pessoas que tinha convívio, tudo através de desenhos e rabiscos por onde passava, visto que não desfrutava e nem sabia o que era falar e muito menos escrever. De outra forma, na pré-história, os indivíduos não faziam

¹Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

²Joyce Neves Zen Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

ideia e nem tinham como objetivo originar uma série de desenhos que fariam sucesso nos dias atuais.

Dessa maneira, constata-se que o desenho é uma linguagem universal, com suas próprias particularidades e dotada de história. A marca que o homem deixou na lua e os desenhos achados na pré-história nas cavernas são alguns dos exemplos de como a marcação e as interpretações são como instrumentos de comunicação e de expressão ao longo dos séculos.

2.2 O ATO DE DESENHAR

Alguns campos de conhecimento se pendem sobre algumas pesquisas referente ao desenho infantil. Pesquisas psicológicas observam pontos reveladores da natureza emocional e psíquica da criança, questões simbólicas e características que representam a idade mental da criança.

No conceito pedagógico, o desenho infantil pode ser conhecido de várias maneiras. Segundo as autoras Gobetti e Castro (2018):

Como a marca de uma trajetória, um registro do vivido, a evidência de como a criança pensa de- terminada coisa, a expressão do imaginário, um fazer artístico, um olhar sobre o mundo que a cerca, uma maneira de registrar suas falas, fantasias e pensamentos (GOBETTI; CASTRO, 2018, p.38).

a instituição de ensino, o desenho é utilizado desde a Educação Infantil como linguagem própria das crianças, as quais o utilizam como meio expressivo. Ao investir nesse confronto de desenhar, as crianças nem sempre dão sentidos e significados aos seus desenhos.

Alguns autores apresentam estágios de desenvolvimento do desenho infantil. Apesar desses estudos sobre o desenvolvimento do grafismo e suas etapas, é importante atentar-se que este é um processo, passível de idas e vindas e a divisão em graus de desenvolvimento por vezes tende a limitar o olhar sobre o processo (GOBETTI; CASTRO, 2018, p.38).

¹Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

²Joyce Neves Zen Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

Conforme Luquet (1969), a criança desenha para se divertir. Usa-se o desenho como um jogo qualquer. O autor ressalta que é um jogo individual, podendo doar seu tempo livre na sua casa. Por decorrência, o desenho será desenvolvido por crianças consideradas calmas, e, por aquelas que estão em um instante de solidão ou isolamento, para que haja uma mudança relativamente necessária no intuito de entreter-se de outra maneira.

Nota-se que Luquet (1969), conceitua o desenho como uma prática de diversão, ou da criança se expressar desenhando no seu momento de solidão, demonstrando seu “estado de espírito”.

Corroborando, Souza (2003) afirma que ao executar o seu primeiro traço, pegando num lápis e começando a riscar um papel, a criança desenha “pelo simples prazer que tal ação lhe dá e por necessidade de desenvolvimento neuromotor”

Na concepção de Duarte:

Quando desenhamos, crianças ou adultos, além da forma do objeto a ser desenhado (se ele não estiver ao alcance de nossa vista), várias outras memórias ou imagens mentais precisam entrar em sintonia na nossa mente. Desenhar exige movimento do braço, antebraço, mão e dedos. Esse movimento tem direção, dimensão, força e pressão, amplitude ou restrição. Realizar movimentos também requer utilizar a memória do movimento; sua sequência, direção, ritmo (DUARTE 2007, p. 11).

Junqueira Filho (2005) afirma que o desenho é uma linguagem com estrutura e regras próprias de funcionamento. Linguagem esta que significa toda e qualquer realização humana em que o desenho se enquadra em um sistema de representação como uma produção de sentido. Desenhando a criança imprime registros, por isso, expressa e comunica.

Já Ferraz e Fusari (1993) compreendem que a atividade imaginária é uma atividade criadora, resultado das experiências vivenciadas e da combinação de elementos da realidade. Desenhar deste modo é representar graficamente algo real ou abstrato, que permeia o imaginário:

A criança em atividade fabuladora ou expressiva participa ativamente do processo de criação. Durante a construção ela se coloca uma sucessão de imagens, signos, fantasias (...) importantes para o conhecimento da produção da criança e evidenciam

¹Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

²Joyce Neves Zen Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

o desenvolvimento e expressão de seu eu e de seu mundo. Para a criança, essa linguagem ou comunicação que ela exercita com parceiros visíveis ou invisíveis, reais ou fantasiosos, acontece junto com o seu desenvolvimento afetivo, perceptivo e intelectual e resulta do exercício de conhecimento da realidade (FERRAZ; FUSARI, 1993, p.56).

No conceito de Duarte (2007, p.11) “As crianças, e os adultos quando crianças, desenham tantas vezes, repetidas vezes, cada esquema gráfico aprendido, que passam a fazê-lo automaticamente, utilizando um mapa cerebral já construído e solidificado”.

Demais desenhos, todavia, exigem diferente tipo de atividade cerebral. É comum escutar uma criança de oito anos, que desenha ligeiramente sua casa, árvores e automóveis, lamentar de cansaço ou desinteresse se for solicitado que desenhem algo novo, nunca desenhado, em razão de que essa nova atividade vai solicitar um trabalho cerebral bem diferenciado daquele determinado pelo desenho do sistema gráfico do nível de base. Seria como pedir a um motorista que dirige apenas automóveis, que dirigisse um trator ou um barco a motor.

Sendo assim, entende-se que conforme o número de repetições das ações, melhor elas serão executadas.

2.3 FASES DO DESENHO

É visível que o desenho está conectado ao desenvolvimento da coordenação motora. Esta evolução do desenho infantil sucede por fases, cheia de sentimentos e da personalidade da criança. Ao passar desses por estas fases, as crianças são capazes de retroceder a um estágio antecedente do grafismo, que segundo Batista (2007) trata-se de um nível representativo, representando a fluência entre expressão oral e expressão gráfica.

Na visão de Vygotsky (1989), o desenvolvimento do desenho requer duas condições. A primeira é o domínio do ato motor, por este motivo, para o autor, inicialmente, o desenho é o registro do gesto e logo passa a ser o da imagem. Dessa forma, a criança percebe que pode representar graficamente um objeto. E essa característica é o um indício de que o desenho é precursor da escrita, pois a percepção do objeto, no desenho, corresponde à atribuição de sentido dada pela criança, constituindo-se realidade conceituada.

¹ Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

² Joyce Neves Zen Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³ Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

Outra condição fundamental no desenvolvimento do desenho é a relação com a fala existente no ato de desenhar. Em um primeiro momento, o objeto representado só é reconhecido após a ação gráfica quando a criança fala o que desenhou identificado pela sua semelhança como objeto. Depois ela passa a antecipar o ato gráfico, verbalizando o que vai fazer, indicando que há um planejamento da ação. Por isso, Vygotsky afirma que a linguagem verbal é a base da linguagem gráfica (VYGOTSKY, 1989).

É importante compreender o método do desenho infantil em desenvolvimento como sendo apenas um, apesar de que seja capaz de parecer que o desenho é simples estudo de apenas um material e meio de expressão da criança. Isto acontece porque cada desenho representa o sentimento, a habilidade intelectual, o desenvolvimento físico, abrangência do criador e o progresso social de cada criança em particular. O desenho é capaz de possibilitar e conceber uma compensação de progressão da criança.

Entre 18 e 24 meses a criança inicia a fase do rabiscar ou garatujar, e se surpreende ao ver que como o movimento que faz com sua mão junta com o lápis causa um rabisco.

Desenvolvimento emocional: De acordo com o grau de intensidade com que a criança se identifica com sua obra o desenho pode ter um baixo nível de envolvimento, resultando em repetições, seguindo padrões rígidos, com falta de flexibilidade do pensamento e imaginação, resultando num desenho personalizado e livre de modelos. Desenvolvimento intelectual: O desenho também terá um baixo nível de envolvimento e um alto nível dependendo do desenvolvimento intelectual de cada criança. A criança nesta fase está iniciando sua coordenação visual e motora, procurando o controle do corpo descobrindo a expressão do braço. Às vezes a contínua exageração ou omissão de algumas partes do desenho do corpo humano, pode estar veiculada a falhas no desenvolvimento físico do indivíduo.

Desenvolvimento perceptual: Nesta fase deve-se procurar desenvolver em sua totalidade, através do desenho e de outras expressões artísticas como: tato, visão, olfato, audição, etc, para o descobrimento da forma, cor e do espaço. Desenvolvimento criador: Inventando suas próprias formas e pondo nelas algo de si própria, de um modo que lhe é peculiar (NICOLAU, 1999, p. 85 *apud* BATISTA, 2007).

À vista disso, entende-se que a atividade artística não precisa ser obrigatória, mas tem que aparecer de uma força interna.

2.3.1 Garatuja desordenada

¹ Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

² Joyce Neves Zen Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³ Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

Nesta fase da garatuja desordenada, que compreende dos 18 meses aos 2 anos, a criança necessita ser estimulada para poder exercer uma fase em que ela não alcança a evolução.

Segundo Batista (2007) os traços diferenciam em comprimentos e direções, reproduzindo muito, os movimentos também são grandes. Mesmo sem ter uma coordenação muscular tão boa, a criança rabisca um papel com linhas simples.

Estes traços manifestam em curvas fechadas horizontais e em aspirais, tendo vários círculos. Os rabiscos não têm um sentido, são desorientados e desorganizados com variações de comprimentos e direções, e várias vezes são feitos sem que a criança visualize. O lápis é manipulado de várias formas, não tendo uma intenção de representação. A criança tem problema de continuar nos limites da folha e sem preocupação com as cores (BATISTA, 2007).

2.3.2 Garatuja ordenada ou controlada

Esta fase é de ordenação ou controlada, a criança percebe uma ligação em seus movimentos e traços produzidos no papel. Ela tem um controle visual do que está sendo produzido e começa a diferenciar os movimentos, as linhas repetidas ou variadas, mas traçadas com força. Assim que descobre que há uma junção de seu movimento e os traços que se faz, ela se esforça para tentar controlar seus traços (BATISTA, 2007).

Conforme Batista (2007), nesta fase, é significativo que a criança abuse das linhas e das formas, aproveite o domínio da coordenação e inicie as primeiras associações pictóricas com o meio envolvente. Sempre estará desenhado com seu rosto mais próximo do papel, pois é quando a criança está interessada pela sua atividade.

2.3.3 Garatuja nominada ou identificada

¹ Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

² Joyce Neves Zen Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³ Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

Entre 3 e 4 anos a criança está na fase da garatuja nominada ou identificada, ela dará nomes as garatujas, isto é, uma casa, esse é o papai, etc., mesmo que para o adulto não simbolize algo que a criança está falando (BATISTA, 2007).

Na visão de Bombonato e Farago (2016), a verbalização dos traços é a comunicação da criança com si própria, o rabisco pode ter diversas direções. Na faixa etária dos 3 aos 4 anos, a mesma conquistou a forma em seus desenhos e tem intenção de desenhar algo. A criança começa a respeitar os limites do papel de forma cuidadosa, e é capaz de desenhar uma pessoa reconhecível com pernas, braços, pescoço e troncos, dominando toda linguagem correta.

2.3.4 Fase pré-esquemática - 4 a 7 anos (Lowenfeld) e realismo fracassado (Luquet)

Os movimentos circulares longitudinais da fase anterior progridem para traços reconhecíveis, percorrendo ao grupo ilimitado de linhas para um aspecto específico.

Quanto ao uso da cor no desenho, Batista (2007) afirma que ela não é utilizada para diferenciar e comparar, não existindo relação entre a cor escolhida para pintar um objeto e um objeto representado.

Nesta fase, as crianças sabem selecionar e diferenciar as cores, que são as mais tristes e as mais alegres. Nesta idade não há a necessidade de lugares para atividades como as de recortar, pintar ou preencher com outros tipos de materiais e figuras (BATISTA, 2007).

2.3.5 Fase esquemática

Segundo Bombonato e Farago (2016), esta fase se caracteriza por uma estrutura significante em uma nova contratação que era isenta. A cada grupo de objetos a criança gera uma forma diferente de expressão e entendimento. Até neste estágio ela descobre que o uso da linha do caderno serve como base, assim facilitando sua escrita e seus traçados, e descobrem a relação cor-objeto, que era desconhecida na fase anterior, porque seguiam suas emoções e não da realidade. De outra forma, a figura humana tendo um conceito formado sobre ela, ainda

¹ Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

² Joyce Neves Zen Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³ Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

estabelece concepções de desvio de esquema, como: exagero, negligência, omissão ou mudança de símbolo, surgindo deste jeito, fenômenos como a transparência e o rebatimento.

2.4 O DESENHO ENQUANTO INSTRUMENTO PSICOPEDAGÓGICO

O desenho é um método engenhoso preparado, sobretudo, através da sensibilidade. Qualquer criança advém definido com a capacidade de sensibilidade, que é a abertura dos sentimentos que rapidamente ocorre na sua proximidade, fazendo então, sua criatividade florir. Porém, na maioria das vezes o desenho é ignorado, principalmente durante o ensino aprendizagem, exibindo seu merecimento para a cooperação da construção do estudante.

É indispensável que a intervenção da criatividade para o desenvolvimento da criança venha do meio social. Podendo mencionar a família como valores vitais e a originalidade dos que compõe os aspectos do meio.

De acordo com Zopelari:

Para que ocorra o desenvolvimento da criatividade, os estímulos devem dar-se no lar, no convívio social e, posteriormente, nas escolas, pois são necessárias condições adequadas para o desenvolvimento da criatividade. Sabe-se que as manifestações criativas são dadas em pessoas que apresentam um conjunto de valores, atitudes, interesses, motivações e traços de personalidade, que proporcionam ao indivíduo um pensamento independente e flexível e o uso da imaginação. (ZOPELARI, 2007, p. 22)

Daí a necessidade da conduta dos parentescos em constituir a incentivar as crianças, demonstrando a análise de sua invenção e a origem de pensamentos positivos ou negativos, por exemplo, a família dar o suporte necessário para seu filho fazendo elevar um sentimento de total segurança.

Conforme Moreira (2009, p.26) ao rabiscar a criança é capaz de usar distintas linguagens como o brincar, falar, cantar por meio de diversas formas de vocabulário. Enquanto vai se desenvolvendo nos desenhos vai se tornando rabiscos dispares com os outros, portando a ação

¹ Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

² Joyce Neves Zen Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³ Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

biológica, social, econômica e cultural da criança, como também os atributos pessoais de cada uma.

Na companhia de promover a aprendizagem, a psicopedagogia pode ser encontrada no campo educacional e/ou clínico. Para reconhecer os prováveis contratempos da aprendizagem, o profissional emprega mecanismos para averiguar dados e levantamentos de circunstâncias acima das causas problemáticas.

Então, a psicologia surge para esclarecer e assimilar o que não foi revelado, demandas que ficam na cabeça de cada uma, tendo em consideração o seguimento cognitivo que até então está em formação, várias crianças ainda têm que admirar e exibir seus desenhos, já que, estas ilustrações são como anotações especiais ou apenas traços.

A ilustração começa na infância, onde a criança se encontra para se manifestar com tudo que acontece ao seu redor, de acordo com os psicólogos da UDPE de San Salvador, por princípios morais, só o sujeito profissional da área, o psicopedagogo, que pode realizar a compreensão do desenho enquanto instrumento para aquela criança.

O profissional necessita analisar o estado que a família e a criança se encontram, junto com o relato familiar e pessoal, que auxiliara como um ponto de direcionamento na hora de investigar o desenho. A representação gráfica não é imprescindível, porém um vasto apoio para implementar uma investigação quanto emocional e intelectual para a criança.

Existem os testes tipo projetistas, que tem a ver com o conteúdo atual no subconsciente da criança em uma condição perceptível, ou por outras palavras, através da aplicação de gravuras ou desenhos confeccionados pelo mesmo. Baseando-se nesta observação, é provável averiguar e despertar alguma possibilidade em relação ao ensino aprendizagem, o elo entre família e educador.

Como demonstram alguns estudiosos, as ilustrações das crianças são repletas de essência e interpretação, sabendo agregar informações cognitivas, carinhosas e comoventes para a relação de ensino aprendizagem. Como a garatuja, etapa do rabisco, marcada por ser pouco importante para variados escritores, “não é simplesmente uma atividade sensorio motora, descomprometida e ininteligível. Atrás desta aparente ‘inutilidade’ contida no ato de rabiscar

¹ Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

² Joyce Neves Zen Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³ Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

estão latentes segredos existenciais, confidências emotivas, necessidades de comunicação” (DERDYK, 1989, p.52).

Cabe destacar que a ilustração retrata abundantemente em relação a criança, podendo ser entendido por profissionais da área para fim de assistir como a criança se identifica no meio social e familiar. À frente do desenho, pode ser trabalhado a história na qual a criança ou a pessoa adulta é chamada para fabulizar história a partir do que desenhou.

Por meio do desenho a criança exhibe seu momento atual, podendo demonstrar seus sentimentos, emoções e até sua raiva. A criança absorve coisas que sucedem no seu pessoal, que ainda não pode ser falado. O desenho surge antes mesmo da criança frequentar a escola, pois já havia familiaridade com os desenhos dos primos ou irmãos.

De acordo com Paulo Sans (1994, p.29), a criança “(...) mostra claramente em seus desenhos as influências da cultura na qual está inserida (...)”. Por isso, consegue-se constatar quão grande o desenho é, pois se trata de um linguajar abstrato e está ligado com a forma que a criança enxerga a humanidade e o mundo ao seu redor. Neste entendimento, a ilustração e a brincadeira são maneiras em que as crianças aprendem a relacionar-se no seu dia a dia.

É ponderoso que a criança desfrute do interesse pelo desenho espontaneamente, em folhas de dimensão variada, ou também de texturas diversas, com materiais diferenciados. No momento em que as crianças comandarem sua locomoção e sua gesticulação, as orientações precisam ser alteradas, como ilustrar em tempo e compasso diferente, desenvolver o que constatou no papel, estimular os traços grupais, esboçar os estágios trilhados depois de um jogo, isso são algumas ideias para fortalecer o laço e a confiança de uma criança, para que então, possa soltar sua imaginação e representar em um papel em branco.

2.5 O DESENHO E O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

O desenho vem como a intencionalidade humana de retratar o pensamento. Ilustrando, a criança consegue mostrar de que maneira veio ao mundo, como esse método acontece e inclusive apontando as adversidades na área da cognição. Porém, é uma demonstração do

¹Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

²Joyce Neves Zen Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

desenvolvimento afetivo, pensamentos e motricidade. Assimilar como a criança desenha deixando de conceber seu desenvolvimento global.

Criando uma concepção global com as convicções desenvolvidas acima, e nos anos iniciais do ensino fundamental, percebe-se que os hábitos pedagógicos não se agrupam no cotidiano escolar, a magnitude do desenho e sua ligação no progresso da escrita. O desenho fica sem superfície na presença de outras diversidades de procedência.

O início do desenvolvimento da escrita acontece antes da inserção da criança na escola (VIGOTSKI, 2008). Todavia, pertence a formas de reprodução direta do objeto. Existem dois ciclos em que o movimento é relacionado à escrita: os jogos simbólicos e o desenho.

Em ocasião, as crianças põem em prática seus desenhos, transparecendo o que visam expor, o que se encontra na folha onde fica anotado por rabiscos. Desse modo, diz a respeito do desenho correspondente ao simbolismo. Nesse período, faz com que o desenho continue em primeira ordem. Para prosseguir, em sentido à segunda ordem, é primordial que:

A criança precisa fazer uma descoberta básica – a de que se pode desenhar, além das coisas, também a fala. Foi essa descoberta [...] que levou a humanidade ao brilhante método da escrita por letras e frases; a mesma descoberta conduz as crianças à escrita literal” (VIGOTSKI, 2008, p. 140).

Portanto, é destacado que o desenho e a escrita, embora pareçam diferentes, são linguajares que se compartilham o mesmo sentido. Considera-se que o desenho é a preliminar da criança, já que, emprega essa linguagem para se manifestar com o mundo adulto de sua forma.

Atenta-se que, o estágio do desenho infantil, progride graficamente, tendo uma grande sabedoria em simbolizar os humanos, as figuras geométricas, os objetos, etc. Logo, vem o período que as letras se embaralham aos desenhos dos pequenos que estabelece os símbolos gráficos até alcançar a alfabetização.

É pelo desenho que a criança desfrutará da aproximação de variáveis formas de linguagens convincentes no seu atual dia a dia, tal como a escrita. Adiante do manifesto:

¹Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

²Joyce Neves Zen Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

O desenho antecede, organiza e estrutura o pensamento narrativo. Serve como ponte (zona proximal) entre o desenvolvimento real e o potencial, ou seja, serve como auxiliar de significação do texto verbal e escrito num primeiro momento de aprendizagem da língua escrita (FASSINA, 2007, p. 3).

De acordo com Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), mesmo com as velhas culturas que “escreviam” para traduzir os objetos, as crianças associam o significante ao significado, e ao escrever produzem traços sobre o papel e criam hipóteses sobre o significado da representação gráfica.

Muitas crianças têm um contato precoce com livros, revistas, panfletos, embalagens, entre outros. Observa e reproduz a escrita do adulto, e conseqüentemente, ao dar entrada ao ensino aprendizagem, dá de cara com tudo aquilo que já tinha visto fora da sala de aula.

Já que o desenho é a estrutura de um grupo de interpretação, a escrita fica igualmente envolvida com o mesmo. As explorações de Emília Ferreiro apresentam que qualquer ser humano, em sua metodologia pela concepção da escrita, identifica reformar a trilha produzida pelos homens.

Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), falam que a sociedade “escrevia” para simbolizar coisas, pois as crianças vinculam o significado ao significado da construção gráfica. Ao longo do desenho a criança fruirá de distintas formas de palavras importantes existentes no seu dia a dia, tal como a escrita.

Entende-se que cada criança tem seu compasso de aprendizagem e é viva na idealização de seu entendimento em relação ao convívio onde está incluído. Conseqüentemente, ela necessita ser tocada de uma forma em que seja motivada para ultrapassar as barreiras na metodologia da aprendizagem.

Luquet caracteriza que o desprezo da criança com o desenho pode ocorrer, e normalmente ocorre por pensamentos do realismo. Os desenhos que as crianças reproduzem já não respondem pelo conceito analítico que ela aperfeiçoou e isso acaba não deixando os desenhos como gostariam que ficasse. Sendo assim, “quando pressionada no tempo e pela mecânica que a faz repetir formas sempre iguais, é que a criança rompe com o seu desenho.

¹Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

²Joyce Neves Zen Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

Acontece realmente uma quebra, um corte, e a criança para de desenhar” (MOREIRA, 2009, p. 70).

Observa-se que “[...] desenhar e o brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem das crianças” (VYGOTSKY, 1984, p.134). Por ser um meio de comunicação, o desenho locução imprescindível para o conseguimento da escritura no ensino aprendizagem. Logo, as crianças são inseridas prontamente nesse recurso, captam com clareza a ligação verdadeira de desenho e escrita.

Todavia, o mestre tem a seriedade de formar universo que incentiva o avanço do desenho, assim como a aprendizagem da escrita. Edith Derdyk destaca que se o docente identificar:

O processo de aquisição linguagem gráfica, retomando as descobertas e frustrações que envolvem o ato de desenhar, revivendo operações mentais e práticas que são exigidas pelo desenho, surgirá uma forma inédita e pessoal de se relacionar com o universo infantil: a partir da experimentação e da investigação que nascem novos significados no encontro entre o adulto e a criança (DERDYK, 1993, p. 50).

Considerando que a finalidade do ensinamento, referente ao desenho, não deve acontecer superficialmente para o aperfeiçoamento da criança, ela deve perceber que está liberta para desenhar. Deixar com que a criança, desperto o interesse pela sua criatividade e pela sua imaginação, já que, é no papel que começa sua intimidade para com o ensino aprendizagem.

De acordo com Palva e Cardoso (2010), é sensato que o docente disponha aos seus estudantes uma vivência de distintos desenhos que sejam capazes de explanar a partir de opostas alegações (cenar, objetos, pessoas) para a valorização do conhecimento e da devida caligrafia, analisando então, sua imaginação.

¹Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

²Joyce Neves Zen Graduanda do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenho é uma base do desenvolvimento de aprendizagem, pois é por meio do desenho que o professor irá se comunicar com a criança e seus responsáveis, dado que a maneira em que se desenha simboliza o que ela vive e sente. A fim de possuir um resultado a médio e a longo prazo, o professor tem que ter um olhar pedagógico sobre o traço, cada cor e cada símbolo que a criança irá manifestar.

Este artigo teve o objetivo de pesquisar as desigualdades presentes entre os tipos de tratamento em que ordenam a questão da interpretação e a de avaliação do desenho com uma informação nova aos psicopedagogos, promovendo a averiguação da relação entre o profissional e o aluno.

De acordo com os estudos que foram abordados foi possível entender o conceito da infância e do professor com vista ao uso de desenho como características da criança para progredir o sistema de intercessão pedagógica na sala de aula, na concepção de conhecer melhor a criança e colaborar na perda dos problemas de aprendizagem e em demais condições que surgem a partir da construção de um desenho infantil.

Com o desenho a criança descobre suas habilidades. Ele é uma obrigação e um fator definitivo no progresso integral do sujeito, em todos os seus conhecimentos de sua personalidade, como motivo de nexos e comunicação com outros sujeitos e consigo mesmo. A criança, através do desenho, aprende vários conhecimentos e pode expressar sentimentos e situações de seu cotidiano.

¹Josiani Carolini Cordeiro Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, Jcc.cordeiro@hotmail.com

²Joyce Neves Zen Graduada do 8 período do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, joycezen@hotmail.com

³Adriana Boeira Professora Orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fag, adrianasilva@fag.edu.br

REFERÊNCIAS

BATISTA, Liana Dorneles. **A contribuição do desenho como expressão e linguagem na alfabetização.** Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/6807> Acesso em 15 ago. 2020.

CIÊNCIA ATUAL. **O desenho na avaliação pedagógica e psicopedagógica.** Disponível em: <file:///C:/Users/acer/Downloads/150-536-1-PB.pdf>. Acesso em: 27 out. 2020.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: O desenvolvimento do grafismo.** 1993.

DUARTE, Maria Lúcia Bateza. **Representação, Categoria Cognitiva E Desenho Infantil Um Estudo Para O Ensino De Desenho A Crianças Cegas.** Pós-Doutoramento realizado na Université Paris-1, Sorbonne, junto ao Centre de Recherche Images, Cultures et Cognition (CRICC). Foi publicado em 2007 In: ROCHA, Cleomar (org) Anais do 15º Encontro Nacional da ANPAP Arte: limites e contaminações. Salvador: ANPAP, 2007. p.468-481. Disponível em: http://luquet-archives.univ-paris1.fr/fichiers_luquet/collaborateur/psychologie/3/815/815.pdf. Acesso em 27 out.2020.

FASSINA, Marice Kincheski. **Desenhão um estudo sobre o desenho infantil como fonte de múltiplas possibilidades no Ensino Fundamental.** Disponível em: <http://ppgav.ceart.udesc.br/ciclo3/anais/Marice%20Fassina.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

FERRAZ, Maria Heloísa de Toledo;FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, Larissa David. **A importância do desenho na alfabetização de crianças.** Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/simposio2015/publicado/artigo0100.pdf> Acesso em: 10 ago. 2020.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Editora Artmed, 1999.

GOBETTI, Viviane Maria dos Santos; CASTRO, Márcia Prado Castro. **O Desenho Infantil: Um Olhar Psicopedagógico.** Disponível em: <https://classroom.google.com/u/1/c/MTQxNDA5NTE4MTQw/m/MTQxNDA5NTE4MTQ3/details>. Acesso em: 10 de ago. 2020.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens Geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil.** Porto Alegre: Mediação, 2005.

LUCAS, Maria Angélica Olivo Francisco; CUSTODIO, Tatiana; Vidotti, Thaís Tono. **O Papel Do Desenho No Processo De Apropriação Da Escrita.** Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2012/pdf/M/M-16.pdf1> Acesso em: 20 ago. 2020

LUQUET, G. H. **O desenho infantil.** Porto: Civilização editora, 1969.

MOREIRA, Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador.** 13. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

O desenho na história da arte. Disponível em: file:///C:/Users/acer/Downloads/1863-3898-1-PB.pdf. Acesso em: 27 out. 2020.

PALVA, Alcione V. de; CARDOSO, Luana Carolina R. **A importância do desenho infantil no processo de alfabetização.** Minas Gerais, 2010. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/49653435/A-Importancia-do-Desenho-Infantil-no-Processode-Alfabetizacao>. Acesso em: 15 ago. 2020

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **A Criança e o Artista.** Campinas: Papirus, 1994.

SEBER, Maria da Glória. **Psicologia do pré-escolar:** uma visão construtivista. São Paulo: Moderna, 1995.

SINCLAIR, Hermine. **O desenvolvimento da escrita:** avanços, problemas e perspectiva, In: PALACIO, Margarita Gomes; FERREIRO, Emilia. Os processos de leitura e escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

SOUSA, A., B., (2003b). **Educação pela Arte e Artes na Educação.** 3º Volume – Música e Artes Plásticas. Lisboa: Instituto Piaget.

VIGOTSKI, L. S. (2008, p. 125-141). **A pré-história da linguagem escrita.** In: A formação social da mente. São Paulo, Martins Fontes.

_____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZATZ, Lia. **Aventura da escrita:** História do desenho que virou letra. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

ZOPELARI, Lauri De Freitas Petilli. **Desenho:** uma forma e desenvolvimento infantil. Disponível em: file:///C:/Users/jccco/Downloads/artigo_desenho_livre_lauri_2_1_.pdf Acesso em: 20 set. 2020.